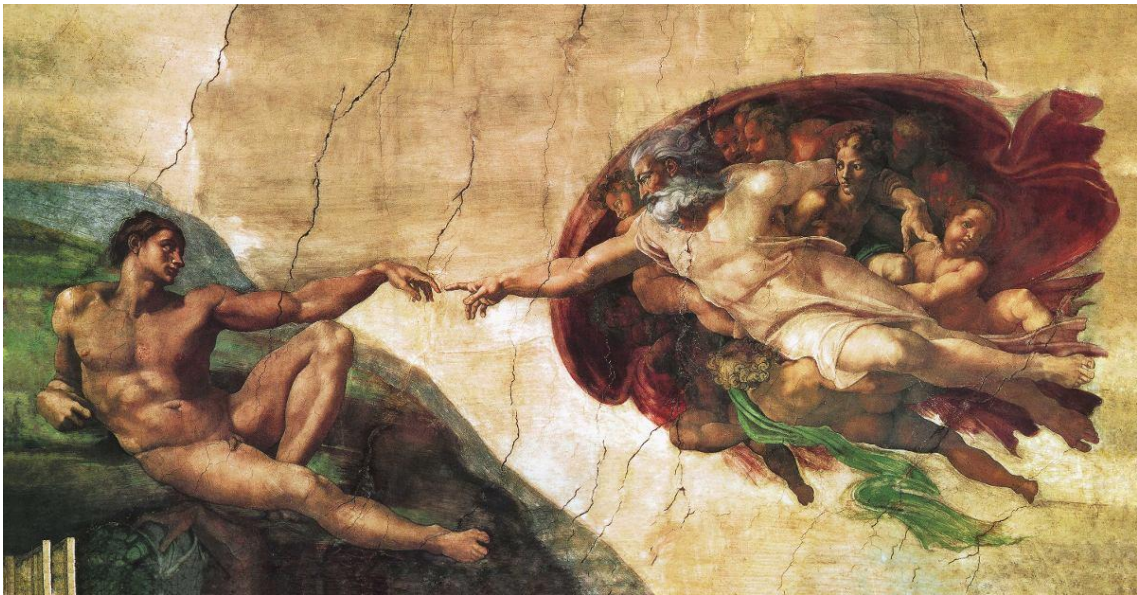


## VIDA E HISTÓRIA DO SENHOR DEUS JAVÉ

No princípio era o Verbo

E o Verbo estava em Deus

E o Verbo era Deus



CRISTO RAUL DE JAVÉ E DE ZION

**"Esta é a actual vontade de Deus", disse-me ele:  
"Unificar todas em Uma e Única Igreja"**

CAPÍTULO UM

HISTÓRIA DA CRIAÇÃO. INFÂNCIA DE DEUS

CAPÍTULO II

A SABEDORIA E O CONHECIMENTO DA CRIAÇÃO

CAPÍTULO TRÊS

A ORIGEM DOS DEUSES

CAPÍTULO QUARTO

HISTÓRIA DO REINO DE DEUS

Estas cartas que vão ler tiveram o seu início na ilha de Creta, onde em 1986 me vi movido pelo vento do Espírito. Numa dessas noites, em frente à lareira, com a Bíblia nas mãos, o Espírito apoderou-se de mim: "Filho, atira o livro para o fogo e escreve tudo o que vês", disse-me Deus. Assim fiz. Eis o que Deus me mostrou.

Não mudei nem um jota ou um til, nem adaptei à inteligência dos tempos a História que Deus me abriu para escrever e ler aos povos de todas as nações. Esta é a Sua História, a Sua Vida: a Vida e a História de YAVE DEUS, Criador do Novo Cosmos, Senhor Deus Pai de JESUS CRISTO. Esta História permaneceu em Silêncio por disposição Divina para o Bem de toda a Sua Criação.

Ninguém, exceto aqueles para quem foi escrito: "Falamos entre os efeitos de uma sabedoria que não é deste tempo", conheceu esta História. De facto, essa Sabedoria foi silenciada para que as gerações do nosso século, o século XXI da Era de Cristo, pudessem erguer-se contra as portas do Inferno e vencer as portas dos nossos inimigos.

Quem julgará a Sabedoria do Senhor Deus Javé? Não foi o Seu Amor pelo Homem demonstrado ao escolher o Seu Filho Amado para ser o Cordeiro da Redenção do Mundo? Quem é o Homem para decidir o que é melhor para a Criação de Deus, mesmo quando o seu futuro está envolvido numa Decisão que pertence exclusivamente ao Senhor Deus Criador do Universo? Ou haverá algum homem vivo no Céu ou na Terra capaz de conversar com Deus face a face como se fala entre Reis Magos forjados no mesmo fogo?

Até que ponto pode a criatura elevar o seu orgulho perante o seu Criador, para se atrever a colocar perante o Senhor Deus do Infinito e da Eternidade um novo modelo de Civilização Universal? Não foi este o Crime daquele filho de Deus que, vestindo-se de anjo de luz, fingindo ser mensageiro do Deus dos Deuses, administrador da Sua Palavra, matando o Primeiro Homem, declarou Guerra ao Reino do Filho de Deus?

Como ousaria eu mudar uma só palavra do que Deus me mostrou ao abrir-me a Sua Mente; com que lei legitimaria eu a adaptação da Inteligência da Eternidade aos tempos humanos nascidos na ignorância e cultivados pelo mal! O que os homens nascidos do sangue derramado por Caim pensam da Vida do Criador é fumo que sobe do Inferno. O fumo da guerra dos que elevaram o seu orgulho para pretenderem sentar-se no Trono da Glória do Filho de Deus intoxicou as mentes dos homens de ciência.

Deus está morto para nós, eles morreram, e na sua demência levaram para os seus túmulos as almas que a Morte ceifou durante as duas guerras mundiais do século XX, que eles carregaram no fogo dos seus pensamentos. Os seus herdeiros, gerados na maldição dos seus pais, caminham a passos largos para o destino gravado nos seus genes, destruir o Homem que Deus criou à imagem e semelhança do seu Filho. Não é esta a glória do Homem: elevar-se à condição de filhos de Deus?

Não estou a inventar nada. Deus vive, quem quiser ver com os seus olhos a Verdade na Origem destas cartas pode dirigir-se a ELE e receber uma resposta. Aquele que pergunta é atendido. Mas aos cobardes tudo é negado, e fazendo da sua cobardia uma vitória, condenam todos aqueles que morreram no campo de batalha. A coragem do cobarde para fugir e abandonar os seus irmãos chama-se Ciência. A traição de Judas chama-se Política. Império para a justificação da morte de Abel. Os inimigos da Verdade inventaram uma nova linguagem, forjada

no Crime, nascida para legalizar a Destruição do Homem que Deus criou à Imagem e Semelhança do Seu Filho.

O ato de alterar, acrescentar ou subtrair uma única palavra ao que o meu Pai Celestial me mostrou seria uma traição imperdoável contra a minha própria alma. A História da Vida do Senhor Deus AVE pertence a todos nós da mesma forma que a vida dos pais pertence aos seus filhos. Saber quem são os nossos pais ajuda-nos a compreendermo-nos a nós próprios. Conhecer o nosso Criador é conhecermo-nos a nós próprios. E não pode haver um conhecimento real e verdadeiro de nós próprios se não conhecermos o nosso Criador: a sua Personalidade, a sua História, a sua Mente, a sua Vida, a sua Realidade, a sua Sabedoria, o seu Coração. A água que nasce cristalina nas entranhas da terra conserva a sua essência até chegar ao mar; mesmo que durante a sua viagem os homens a envenenem, a água permanece ela mesma. Assim acontece com o Homem, mesmo que a sua essência tenha sido envenenada pela ciência e pelas religiões, a Alma que Deus engendrou na Vida na Terra permanece viva. Renascer é libertar-se desse veneno e fazer nascer no ser esse filho de Deus que eleva a sua voz ao Céu e reconhece no seu Criador o seu Pai que está nos céus. Porque, de facto, nunca fomos abandonados; o Criador nunca renunciou à Criação do Homem à imagem e semelhança do seu Filho. Ele não nos deu como Modelo de Ser qualquer um dos seus filhos, deu-nos o seu Primogénito, JESUS. E, ao fazê-lo, eleva-nos a todos para a sua Casa e Família. Este é o YAVE, Deus Pai, esta é a história da sua vida.

## CAPÍTULO I

### HISTÓRIA DA NÃO-CRIAÇÃO. A INFÂNCIA DE DEUS

I

A Eternidade, o Infinito e Deus nasceram juntos. Não houve um Antes e um Depois. Os três membros da Trilogia Incrível também não nasceram da forma como nós, seres humanos, entendemos o nascimento.

Que mãe daremos à Eternidade? Que data de nascimento colocaremos no livro de família de Deus? Que idade suporemos para um Ser que é uno com o Espaço, o Tempo e a Matéria? Como falaremos da idade do Universo sem a referir a um fragmento da linha de existência de Deus no Infinito e na Eternidade? E quão alta será a montanha de acontecimentos criados por um Ser que vive desde a eternidade?

Um cosmos incrível por pátria, indestrutível por natureza, inteligente por vocação, aventureiro nato, amante irremediável da Vida e dos seus mundos, a sua vida uma aventura perpétua pelos mares inexplorados das galáxias. Com que palavras poderíamos desenhar na tela do nosso entendimento a imagem desse Ser Divino em constante navegação pelo oceano das galáxias?

Que limites daremos ao seu universo, que propriedades ao seu espaço-tempo, quantas páginas ocupariam as crónicas das suas aventuras?

Lá vai ele. As estrelas, à sua voz, afastam-se, as constelações, ao vê-lo passar, saúdam-no. O leão de Mercúrio corre pela planície entre campos de planetas de todas as cores, atípicos, singulares, esguios, subtis, o seu Grande Espírito alcança-o e grita: "Voa, criatura, segue-me até aos confins do universo". Uma galáxia como um lago de luz caramelizada, com a aurora de Júpiter no seu núcleo, encerra nas suas águas golfinhos com óculos de infravermelhos que saltam de sistema sideral em sistema sideral; de repente vêem o Grande Espírito, Ele, Deus, a correr ao lado do leão de Mercúrio, e correm em perseguição através dos espaços onde habita o Orto.

Com que olhos verá Deus as cores de um campo de energia que abraça com os seus braços dez mil constelações? Com que cabelos soltos ao vento das galáxias sentirá Ele a brisa que varre os espaços infinitos? Com que mãos e pés escalará o Seu Grande Espírito os cumes luminosos dos universos invisíveis, paralelos, perdidos, em vias de extinção, fugitivos? Em que direcções estelares espalhará o seu coração as suas alegrias quando se encontrar do outro lado das margens de uma cintura de galáxias? Como reagirá o seu coração quando sentir o nascimento da vida nas profundezas do mar das constelações submersas?

A pérola da vida na sua ostra sideral. Um mundo, um outro mundo, uma nova civilização com as suas singularidades típicas, com as suas particularidades próprias, um outro desafio da lama primordial ao fogo criador e destruidor de todas as coisas. Ele, Deus, avança sobre as ondas dos mares cósmicos descobrindo novos mundos; de aglomerado em aglomerado de estrelas, leva a alegria do aventureiro imperecível a praias desconhecidas. Abre as asas do seu Grande Espírito e lança-se a uma velocidade infinita sobre as planícies cósmicas; sente o impulso do

vento que varre os espaços subtis e ora brinca com a luz para ser o seu cavaleiro e ela o seu corcel resplandecente, ora a transforma num raio que recolhe na sua aljava, de onde as setas luminosas disparam para o céu nevado, se incrustam no coração de uma estrela Nova e a transformam numa Supernova. Ele tem a Eternidade diante de si; à sua volta estende-se o Infinito. Esse era o Seu mundo, o Seu universo, o Seu paraíso original. Não tinha princípio, não teria fim. Para onde quer que o Seu Espírito se voltasse, as estrelas e os seus mares luminosos estendiam as suas margens.

Quantos sistemas estelares podem ser percorridos numa eternidade? Quantas páginas devemos calcular para o livro da Sua vida? Quantos ramos devemos contar para a árvore da Sua experiência? Quantos mundos, quantas raças, quantas civilizações conheceu Deus antes de revolucionar a estrutura do Seu mundo e de fazer da realidade cósmica a Sua própria criação? Qual é o volume da Sua memória? Quantas recordações armazenou a Sua mente antes de realizar, nesse Seu universo incriado, a transformação final de que somos o fruto?

## II

De facto, a Incriação foi a Infância de Deus. Tudo o que Ele, Deus, sabia e tinha sido, sempre esteve lá. As formas mudaram, mas Deus, Ele, não se lembrava de ter havido outra coisa antes. E não se lembrava porque não tinha existido. Ou seja, antes da Criação havia a Incriação, mas antes da Incriação não havia mais nada. O Infinito, a Eternidade, Deus, eram os membros da Trilogia Cósmica. Tudo passava, tudo fluía, a vida e a morte dos mundos, o nascimento, o desaparecimento e o renascimento das galáxias. Sempre foi assim, as formas desapareciam, mas a essência permanecia. A morte reduzia tudo o que vivia a pó, mas do pó cósmico renascia sempre a fénix da vida. As folhas caíam dos ramos da Árvore da Vida quando soprava o vento da Morte, ficavam nuas, frágeis na sua nudez, mas no fim o fogo da vida renascia na seiva dos universos e revestia-se de novo de frutos mais belos, esplêndidos e generosos. Deus, como amava o seu mundo! O Infinito e a Eternidade prendiam-no com a sua Sabedoria. Eles eram para Ele pai e mãe; e Ele era para eles a razão pela qual tudo permanecia em constante movimento.

Como então entrar, onde entrar para atravessar e contemplar a memória daquele que foi a razão, a causa, o sentido da existência de todas as coisas? E se comparássemos cada universo com a célula de uma árvore, como calcular no papel o número da Árvore da Vida? Ou como adivinhar os nomes pelos quais era conhecido Aquele que permaneceu para sempre quando tudo passou? E como sentir a experiência divina Daquele que andou de universo em universo levando consigo a alegria da existência a todos os mundos por onde passou?

Para que lado ir, para que lado não ir, que pergunta! Onde quer que o vento sopra, onde quer que a luz da aurora de um novo universo anuncie o seu nascimento, até aos confins do outro lado do Orto, onde quer que a aventura vá, onde quer que nunca tenha estado antes. Porque o mais belo está sempre para vir, porque o mais belo é sempre o que ainda não foi visto, que os sóis festejem e dançam a dança das abelhas mágicas! Deus voa nas asas da águia das estrelas, vem montado no cavalo dos universos longínquos, aproxima-se a trote, pouisa nas margens do rio da Vida, dá de beber ao seu corcel, olha para o horizonte e sorri porque nos altos cumes dos aglomerados longínquos descobriu o brilho de uma estrela de neve. Nada o detém. O seu pulso nunca perde o controlo. Ele não conhece o medo. Nem conhece senão a alegria da

aventura. Não conhece a inveja nem o mal. Nunca esteve em nenhuma guerra. Ele não precisava de saber a verdade, pois não conhecia mentiras.

A verdade era Ele, Deus; a verdade era o Infinito, a verdade era a Eternidade. A verdade eram as cores do arco-íris a brilhar sob um sol feroz de verão. A verdade era um campo florido na primavera. A verdade era um mundo nascente sob um sol de diamantes polidos, três luas em órbita à volta do planeta-mãe, um enxame de naves em viagem pela galáxia de origem e, depois, o silêncio das almas que regressam à lama primordial da Vida. Como não se maravilhar, como não rir, como não passar ao lado e recusar o convite da Vida para participar na sua aventura! Aquele que era incriado tornou-se personagem, deixou-se inscrever no registo da história sonhada e aí se deixou maravilhar pelo génio criador da Sabedoria.

Foi assim que passou a sua infância. Tal foi a infância de Deus.

### III

Mas um dia um desejo despertou nele, Deus. Nesse dia, Deus teve um desejo. E esse desejo trazia no seu âmago toda a marca do coração em cujo seio nasceu.

Vejamos; a Sabedoria era Sua irmã; Ela movia todas as coisas através Dele, através Dele convertia a energia em matéria e lançava-a no espaço iluminando as distâncias com esses fogos de artifício na origem de novos universos; depois lançava a semente da vida nos novos campos estelares e os universos enchiam-se de criaturas. No fim dos tempos, a Vida cedeu o seu lugar às ondas da Morte. E todas as criaturas desapareceram do universo como castelos numa praia arrastados pela maré. Sim! Todas, sem exceção, desapareceram por entre os dedos do tempo como água, como poeira do deserto. Tal foi o destino de todas as criaturas durante a Criação. Sempre tinha sido assim. Vida e morte faziam parte do sistema cosmológico incriado. Só por Deus e para Deus é que o barro cósmico tomou forma; a Sabedoria insuflou o sopro da vida no barro dos mundos e estes tornaram-se seres animados. Mas apenas durante algum tempo. A seu tempo, a Vida deu lugar à Morte e as suas ondas secaram a lama primordial da qual todas as criaturas tinham sido formadas. O pó voltou a ser pó. Cinzas a cinzas. Só Ele, Deus, era indestrutível. Então Ele, Deus, disse para si mesmo:

Não seria maravilhoso se todas as criaturas do Seu universo nascessem para gozar da Imortalidade? Não seria ótimo se, regressando das Suas viagens por esses mares longínquos e desconhecidos, carregado o Seu coração de aventuras fabulosas, Ele reencontrasse, como quem regressa a casa, os Seus amigos queridos?

Sim, a Imortalidade para todas as criaturas do Universo! Este era o Seu sonho. Tal era o Seu desejo. Um belo desejo.

E tinha-o tão intensamente que, com os olhos despertos, Deus já via o Seu Universo transformado num paraíso habitado por mundos sem número. Povos de galáxias e planetas distantes partilhando à mesa dessa Civilização das civilizações o mesmo pão, as conquistas e os progressos das suas sociedades de origem. Um universo cheio de vida e de cor. Como enxames de pequenos pássaros que percorrem as florestas a céu aberto, como multidões de criaturas que cavalam as planícies. E Ele corria, voava com eles, abria-lhes horizontes, traçava-lhes novas rotas através das estrelas. No sonho inspirado pelo Seu desejo, Deus já se via a mergulhar nas



profundezas do oceano cósmico em busca de novas pérolas. E a Sabedoria, Sua irmã, Sua amiga de aventuras, deixando-Lhe pistas entre as estrelas, maravilhando-O com uma nova vitória sobre a capacidade divina de se surpreender. Ela tornaria o Seu sonho realidade. A filha do Infinito e da Eternidade revestiria de imortalidade todos os viventes.

Era este o desejo que crescia no coração de Deus. A questão é: esse sonho poderia ser realizado?

Bem, no que Lhe dizia respeito, Ele não tinha dúvidas quanto a isso. A Sua Fé no Poder da Sabedoria Criadora para vencer o desafio colocado sobre a mesa, a criação da vida imortal, a Sua Fé não conhecia dúvidas. Ainda assim, a questão estava lá, e as suas implicações não eram menos vastas e profundas, pois que consequências teria uma tal transformação de estado no Sistema Cósmico Incriado? Naturalmente, Deus estava para além das implicações e das suas consequências. A Sua Fé na Sabedoria Criadora era tão cega que em nenhum momento Lhe ocorreu duvidar do Seu Poder para efetuar tal transformação de estado. Ele pôs-se a trabalhar. Agora, por onde começar a realizar o seu sonho: através da Imortalidade da espécie como primeira etapa para a Imortalidade do Indivíduo, por exemplo? Claro que sim. Perfeito!

#### IV

O que Deus viveu a partir de então, o que Deus fez a partir desse dia, podemos imaginá-lo, compreendê-lo, recriá-lo? Um Ser extraordinário surge nas estrelas; o seu objetivo é unir todos os mundos que aparecem e desaparecem no espaço e no tempo e criar uma Civilização de civilizações que ultrapassem todos os problemas que o desafio da Imortalidade lhes coloca. Juntando todos os mundos num Todo Universal, essa Civilização das civilizações abrir-se-ia ao cosmos das galáxias que se estendem até ao Infinito. Deus estaria à frente desse Império Cósmico. Conduziria os primeiros mundos ao encontro dos últimos, uni-los-ia a todos, ensiná-los-ia a ser livres, a gozar as maravilhas do Universo. E haveria sempre mais. A experiência de Deus no encontro com mundos de todos os géneros foi posta ao serviço do Seu sonho. E apaixonado pelo Seu sonho, a Imortalidade para todas as criaturas, pôs mãos à obra. Abriu rotas entre as estrelas e portas entre as constelações, descobriu novos mundos e estendeu o Seu Cetro sobre as suas civilizações, deu Cartas Magnas aos reinos que se formaram. Dirigiu as suas evoluções tecnológicas para o encontro na terceira fase, integrou todos os reinos assim formados num só Império e uniu à Sua Pessoa a Coroa. Ele em Pessoa integrou-se nesse Mundo dos mundos como o Rei dos reis e Senhor dos senhores em cuja Palavra todos os povos tinham a sua garantia de crescimento e de convivência pacífica e livre. A Sua Palavra era a Palavra, e a Palavra era Deus.

#### V

E assim foi. Com o tempo, esse Império Universal cresceu e estendeu suas fronteiras até as mais remotas estrelas dos céus incriados.

Como esboçar na tela da nossa imaginação as propriedades e a natureza dessa Civilização das civilizações que espalhou a sua glória sobre o mar das estrelas? Que Biblioteca das Origens



e da História do Império em que Deus transformou a Incriação veio a formar-se no tempo? Com quantas Histórias Particulares se compôs a sua História Universal? Qual foi o número de ciências que os sábios desse Império dominaram, registaram, cultivaram?

A Sabedoria, invisível e bela, amorosa e alegre, do seu trono luminoso e transparente sobre todas as suas criaturas estendia a sua proteção e inteligência, e em todas as coisas se manifestava a sua alma maravilhosa, movendo tudo com um único objetivo: descobrir para Deus as leis que regem o Universo. Este, o Seu Universo, estava repleto de mundos alegres e aventureiros, com uma única preocupação na vida: gozar o tempo de existência que a cada um foi concedido. Porque, embora a vida fosse bela, magnífica, de cortar a respiração, e a vontade de viver não tivesse fim, o facto é que o tempo era limitado e a passagem das criaturas pelo mundo efémera. Como as nuvens primaveris que choram os seus últimos dias no seu túmulo de maio antes do berço do verão, como o caudal do rio que atravessa a terra de Oriente a Ocidente mas se aproxima do oceano da sede insaciável, assim era a vida de todos os seres daquele Império que Deus tinha erguido com as suas mãos e que tanto amava. A dor do último abraço, a perda do amigo que desapareceu na vossa viagem, a lágrima que não recolhestes daquele rouxinol que morreu com a mágoa de não ter expirado nos vossos braços, oh Senhor, o murmúrio terno de um príncipe que amastes com o sentimento de um irmão e que desapareceu nas brumas da sua inocência, dando-te beijos, bênçãos e amores pelos dias que lhe deste, por lhe teres dado a oportunidade de te conhecer, por teres feito da sua vida uma história que valeu a pena ser vivida, embora a sua respiração estivesse sujeita à lei do silêncio final. Ah, o farfalhar da rosa quando as suas pétalas morrem nos dedos da tempestade. O anúncio do fim da felicidade perfeita escrito com sangue num futuro sem defesas contra a seta que procura o seu peito com certeza. Fere-lhe o âmago, rasga-lhe o pensamento, a lança atinge-lhe o coração.

## VI

Um dia a Morte acordou da sua letargia e reclamou para si a coroa e o cetro. Se te dizem que aquele que se diz Deus não pode realizar o seu desejo, o que dizes a ti próprio?

Se fores sábio ou simplesmente aspirares à sabedoria, responderás que esse desejo divino, a imortalidade para todas as criaturas, esse desejo implicava uma revolução estrutural cujas consequências deviam atingir o próprio Deus. Se fores daqueles que optam sempre pelo mais fácil e escolhem a opção dos ignorantes, responderás que esse Ser não pode ser realmente Deus, porque para um Deus verdadeiro nada é impossível.

Pois bem, foi isso que aconteceu. Com o tempo, Deus superou a primeira fase do Seu Desejo e transformou o Seu universo num Império de Mundos com origem nas mais diversas estrelas dos mais remotos sistemas solares. Avançava para a última fase do Seu projeto - a Imortalidade do Indivíduo - quando surgiu a Dúvida. Quer dizer, os Mundos tinham atingido a Imortalidade e contavam os seus anos aos milhões que nunca mais acabavam, mas o indivíduo continuava a ser mortal. E foi aqui que nasceu o problema. Enquanto o indivíduo nascesse para morrer, e a Imortalidade não entrasse na estrutura formal da sua lógica, a vida não sofria a Morte. Mas quando o indivíduo soube que existia a possibilidade da Imortalidade e descobriu que a origem dessa possibilidade estava no Rei dos reis e Senhor dos senhores desse Império das estrelas, Ele, Deus, a ideia de viver imortalmente e ter de morrer irremediavelmente provocou na estrutura mental de uma parte dos vivos um choque violento.

"Pois se Ele é Deus verdadeiro, e a um Deus verdadeiro nada se pode negar, porque para Ele tudo é possível, como é que, desejando-nos a Imortalidade, estamos sujeitos à Morte", perguntavam os ignorantes, violentos ignorantes.

Esta pergunta, tão elementarmente lógica, tão racionalmente simples, foi o terreno fértil onde se desenvolveu a Dúvida. E a dúvida levou à negação da existência de Deus. E na carne dessa Negação incubou o vírus da Guerra.

O Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império das estrelas não sendo Deus no sentido teológico e existencial pleno da palavra, certamente haveria alguma forma de o destruir. A única coisa a fazer era encontrar a arma que o destruiria.

## VII

Essa Guerra Universal teve lugar antes da criação do nosso Cosmos. Essa Guerra Apocalíptica teve sua origem na Dúvida, e a Dúvida levou todos à Destruição. Foi uma guerra que dividiu todos os mundos e os colocou uns contra os outros até a morte. A parte violenta, a parte que negava a existência de Deus e que julgava morto o Rei dos reis logo que descobriram a arma suprema, essa parte escolheu o destino dos ignorantes, amou a loucura dos insensatos e empreendeu uma evolução por caminhos tortuosos no sentido da transformação do ser numa nova espécie de criatura infernal, viciada no Poder, apaixonada pela Guerra, pela sua vontade de lei, pela sua lei para além do bem e do mal. Descobriram a Ciência do bem e do mal e levaram-na até às últimas consequências. A parte que escolheu o sábio, a Fé, o amor pela Verdade, embora não a compreendesse, essa parte amou Deus e recusou o argumento do ateísmo materialista dos violentos. Concordavam que o argumento dos ignorantes abria uma brecha na Fé Universal sobre a origem do Império dos Mundos, pois não se compreendia que a Morte não dobrasse os joelhos perante Deus. E, no entanto, quem eram eles? Quem eram eles, exatamente, para compreenderem como é que este conflito entre a Vida e a Morte, que Deus provocou por Sua vontade, estava a afetar a estrutura da Realidade Universal? Claro que não, os sábios, pacíficos por sábios, nunca aceitaram a legalidade do argumento que estava na base do ateísmo científico dos violentos. O que estava por detrás dessa negação irracional da Existência de Deus senão uma paixão incontrolável pelo Poder? Onde os apóstolos do ateísmo queriam conduzi-los era a uma guerra universal, da qual, contra toda a sabedoria, esperavam sair vencedores para impor a todos um status quo demoníaco. E não se fala mais nisso. Esta era a verdade e não importava quanta ciência em argumentos tortuosos os Pais da Dúvida inventassem, esta era a luz da verdade brilhando no fundo de seus sistemas de pensamento. Qual era a diferença entre Dúvida e Tolice? A ignorância para compreender a natureza do conflito cósmico que, na sua inocência, Deus tinha provocado: os Padres da Dúvida, pelo Método, disfarçaram-no de ciência, depois fizeram da ciência uma nova religião, o Ateísmo Científico, e depois declararam guerra à Fé. Esta, porque conhecia Deus, e embora no seu coração não pudesse compreender a natureza do conflito que o Seu desejo tinha provocado na Incriação, sabia que essa guerra seria o princípio do fim de todas as coisas. Este argumento dos sábios, pacífico por causa da sabedoria, de nada valeu aos Senhores da Guerra.

A dúvida era a verdade,

a dúvida estava neles,  
eles eram a Verdade.

Com tal estrutura lógica, corrompendo a Lógica ao ponto de a torcer e de a transformar numa irracionalidade típica das bestas demoníacas, os maus responderam aos bons.

## VIII

Quando Ele, Deus, descobriu o que estava a acontecer, os Seus olhos gelaram nas órbitas. E ficaram gelados nas órbitas porque Ele não compreendia nem podia compreender o que se passava.

Qual era a guerra, qual a sua origem e qual o seu objetivo, o que procuravam os inimigos do seu Império e que força misteriosa habitava nos seus corações rebeldes e incorrigíveis?

O Poder. O exercício do Poder tinha-se tornado a loucura do Poder. O Poder enlouquecia o seu detentor. Ah, a loucura do Poder. Como era possível que uma criatura nascida para ser um suspiro de matéria ousasse levantar a voz a Deus? Seria essa loucura do Poder um dos efeitos da Ciência do bem e do mal?

## IX

Ao princípio era como um fogo que começa, apaga-se e pensa-se que o problema está resolvido. Mas volta-se para trás e vê-se outro fogo a crescer e a devorar uma outra parte do seu mundo. Corres, chegas, apagas também este e voltas a pensar que não voltará a acontecer, porque todos vêem que o fim a que conduzem todos os que caem nas malhas da Ciência do bem e do mal é voltar ao pó de onde foram retirados. Não há misericórdia, não há destino. Nenhuma lágrima é suficiente para apagar este fogo.

A violência da oposição entre o Bem e o Mal cresce na mesma progressão geométrica dos incêndios que cria à sua volta. Assim que se apaga um, nascem o dobro dos outros. Apagamo-los e a progressão geométrica continua. Dois fogos nascem de novo mais à frente. Corremos para lá, apagamo-los e eles surgem duas vezes mais ao longe. Quando te apercebes, a própria progressão geométrica já te envolveu e encontras-te no Inferno. As suas chamas devoram tudo o que levantaste com as tuas mãos. Opões-te, resistes, declaras guerra final aos teus inimigos, porque tu és o inimigo, o alvo que o Inferno procura. Os mundos são apenas peões num jogo que vos escapa, mas que é tão real como a destruição em massa dos mundos que outrora foram o orgulho dos vossos olhos. Em que se tornaram esses mundos? Pó a vaguear como nebulosas sem rumo que transportam nas suas entranhas tudo o que resta do que outrora amaste.

Assim foi. Aquele Império de Mundos que tinha o Deus do Infinito e da Eternidade como seu Fundador e Rei dos reis pereceu na guerra do seu próprio apocalipse.

A rapidez com que atravessei a memória da forja e da destruição desse Império não deve cegar a inteligência na hora do cálculo a cujos pés coloquei os limites do meu pensamento. O que foi não pode ser mudado, apenas o que será foi colocado nas nossas mãos, e se já é difícil dirigir o curso do que é para o que será, como ousar penetrar nas coisas que foram antes do nascimento da primeira galáxia que enche o nosso Cosmos?

O facto é que, com o gosto na boca de quem comeu um doce e o bolo rebentou no estômago, Deus encontrou-se sozinho sobre as cinzas do cemitério que a Ciência do Bem e do Mal tinha deixado no seu rasto. Essa árvore da Ciência do Bem e do Mal ofereceu a Deus o seu fruto e Deus não o tomou. Não estendeu a sua mão. Foi tentado pela Morte e não se deixou enganar. Por nada no mundo estava disposto a tornar-se um Deus de deuses, todos fora da lei, todos imunes ao braço da justiça. Preferiu ser destruído a ver o seu Império tornar-se o Reino do Inferno.

## CAPÍTULO DOIS

### A SABEDORIA E A CIÊNCIA DA CRIAÇÃO

#### XI

Naquelas cinzas, de facto, estava enterrada a Infância de Deus. Mas aquele que emergira das chamas da destruição do seu Império pelos seus próprios pés era agora um guerreiro que tinha vencido a sua Primeira Batalha e que, pelo caminho, tinha descoberto a Ciência da Criação. Procurando nos seus inimigos a derradeira arma para o destruir, Deus descobriu os segredos da matéria, do espaço e do tempo e, ao abrir essa porta, encontrou a Sabedoria.

#### XII

Ele amou-a desde o primeiro dia. E ela não o recusou, não lhe voltou as costas, a Sabedoria não fugiu do seu Senhor. Ele foi para Ela, desde o começo da Incriação, a causa metafísica da Sua existência, a razão pela qual Ela, filha do Infinito e da Eternidade, fez tudo. Ele foi para Ela, desde o começo da Incriação, o Deus que exigiu mais e mais Dela, que continuamente A desafiou com a Sua alegria e a Sua vontade de viver. Ele era para Ela, desde o início da Incriação, a sua fonte de inspiração. Era no Seu coração que Ela, a filha do Infinito e da Eternidade, olhava para ver as miríades de reflexos do Futuro. O Seu desejo era a Sua musa, a Sua capacidade de sonhar era para Ela uma oficina de projectos. Quando Ele rompeu a estrutura da Realidade, colocando o Seu Desejo sobre a mesa para Ela, Ela soube que, a partir daí, nada seria ou poderia ser igual. Antes que Ele visse a primeira chama, Ela já tinha visto o Inferno; antes que Ele sentisse o cheiro da primeira queimadura, Ela já tinha visto o cemitério sobre o qual Seu guerreiro indestrutível caminharia descalço. Inevitável o fim do Seu sono, Ela articulou a garganta do sábio para dizer a Deus palavras de Ciência. Porque no dia em que Ele caminhasse sobre as cinzas do seu sonho, nesse dia, Ela ter-lhe-ia entregue todos os segredos da Ciência da Criação. Ela ia ensinar-lhe como criar uma galáxia. Ia ensinar-lhe como criar um enxame de estrelas, como articulá-las em redes moleculares, como cobrir regiões inteiras de mares gravitacionais flutuando entre galáxias, cadeias de montanhas de cujos cumes rios de estrelas descem pelos desfiladeiros dos abismos siderais e correm para as margens das constelações. Ela devia ensinar-lhe a cultivar a árvore das espécies. Ela dar-lhe-ia o seu Poder, ela dar-lhe-ia o seu ser.

#### XIII

E foi assim que o Guerreiro deu lugar ao Sábio.

O Infinito e a Eternidade transformaram o seu corpo, o Universo, num laboratório de aprendizagem para Deus, e deram-lhe por Mestre a sua filha, a Sabedoria. Ela guiou o Seu pensamento através dos átomos, guiou o Seu braço até ao núcleo das estrelas. Ensinou-Lhe como captar um feixe de raios cósmicos; descobriu-Lhe as leis que regem o seu movimento num campo de energia; ensinou-Lhe como manipular esse campo de energia criativa para obter os efeitos pretendidos. Mostrou-Lhe a série de leis gerais e particulares que regem a relação entre a matéria e a energia. Descobriu-Lhe a origem das supernovas, as causas pelas quais as galáxias se atraem, se repelem, se unem, se dividem, se transformam, mas nunca se destroem. Deus correu contra a luz e derrotou o raio cósmico no voo intergaláctico. Deus acelerou o pulso das estrelas até ao limite das suas revoluções para ver o que aconteceria se elevasse ao quadrado a densidade do seu campo gravitacional. Deus mergulhou no microcosmo e, num rasto de prata, seguiu o salto da energia de uma dimensão para outra.

Quanto mais aprendia sobre as forças que movem o universo e as suas leis, mais Deus gostava de crescer em inteligência. A sua inteligência não conhecia limites, queria sempre mais, e nenhum problema lhe escapava. Bastava-lhe focar os olhos para que o seu pensamento encontrasse a resposta. A sabedoria limitava-se a colocar o objeto diante dele e a orientar o seu pensamento para a solução certa. Ela estimulou o seu conhecimento e introduziu-o de ciência em ciência até ao limite que só Deus podia atingir, o conhecimento de todas as ciências, a Omnisciência Criadora.

Depois a Sabedoria abriu a porta ao seu Senhor para o tema da criação da vida.

Que condições sistemáticas devem ser criadas para se obter esta ou aquela espécie. Quais são os processos de seleção natural que devem ser seguidos para que a força da vida possa dirigir os seus passos numa direção definida e não noutra.

Dela, Deus aprendeu todos os segredos da criação e do cultivo da Árvore da Vida. Sob a Sua orientação, Deus criou mundos pelo método da experimentação. E quando o Seu domínio de todas as leis e forças do universo O tornou naquilo que Ele era, o Senhor, Ele partiu para a fronteira inconquistável: a criação da vida à Sua imagem e semelhança. XIV

Mas, durante o período de formação de Sua Inteligência Criadora, uma idéia particular foi se insinuando na mente de Deus. Enquanto Ele se dedicava ao domínio da Ciência da Criação, era apenas um pensamento esporádico que Lhe passava pela cabeça, e que Ele descartava sem pensar mais.

A idéia que se insinuou em seu ser foi a seguinte:

Seria ele o único membro da sua família? Quer dizer, como poderia Ele saber que algures do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, não havia Alguém como Ele, um Ser da Sua Natureza Incriada que, nesse preciso momento, poderia até estar a passar por onde Ele passou?

Esse era o pensamento que Lhe vinha e, vez após vez, voltava-se de Si mesmo. Apesar do seu constante afastamento, à medida que o Senhor nascia no seu Ser, a questão ganhava terreno. Era verdade que Deus não tinha encontrado o Seu Igual e que Ele era o único membro da Sua Família. Se chamava a alguém de Pai, era o Infinito; se podia chamar a alguém de Mãe, era a Eternidade; se sentia alguém como Sua Esposa, era a Sabedoria.

E se ele nunca tinha estado lá, como poderia dizer que o pensamento que se tinha insinuado na sua cabeça não era o chamamento daquele Igual?

Só havia uma maneira de o saber. Atirar-se aos espaços infinitos.

Que Deus estava nele, porque ele era Deus, já estava claro. Mas seria ele o único Deus vivo?

XV

Sem pensar duas vezes, Deus renuncia a tudo. Ali, naquele momento, terminou a sua aprendizagem no domínio da Ciência da Criação. E partiu para uma aventura, em busca da resposta à pergunta que se instalara no Seu peito e que se recusava a ser remetida para o caixote da reciclagem.

Seria ELE o único membro da sua família, seria ELE o único Deus conhecido na Eternidade e no Infinito?

XVI

Até que ponto pode a experiência habilitar a inteligência a compreender a história que Deus viveu ao romper os limites do Orto da Incriação? Que tipo de compreensão devemos possuir para ter uma noção dos sentimentos de um Deus Vivo atravessando as planícies de um espaço desconhecido para Ele em busca daquele outro Ser da Sua própria natureza incriada e eterna? Que matemática do tempo devemos manejar para calcular os milhões de milênios que durou essa aventura? Que estrutura literária deve estar encarnada nas mãos de um historiador de todas as coisas belas, para que dos seus dedos fluam rios de lendas e visões de paisagens para além da fantasia de cem mil universos unidos no coração de uma pérola? Como se dirá que Deus viveu isto ou Deus viveu aquilo? Como ousará a imaginação do poeta das coisas alegres erguer uma ode à conquista de horizontes que não se vêem, mas que soam aos ouvidos do seu conquistador como arpejos de blues mágicos que sacodem a tristeza? Poderemos dizer à aurora: Faz-te mulher e beija-me. Que emoções viverá a alma que goza do amor da lua e nas suas asas navega por sonhos de cristal líquido em busca das margens da felicidade perfeita? Como entrar na mente de um Ser que se move à velocidade do seu pensamento e cujo coração é forte como um sol?

XVII

Destemido, indestrutível por natureza, autoconhecimento forjado numa batalha que lhe feriu a alma com chagas profundas e dilacerantes, o Guerreiro acordou de seu repouso na tenda da Sabedoria, despediu-se dela com um beijo de alegria resplandecente, e recebeu dela esta despedida: "Tu-Deus, aquele que procuras, meu Amado, está em Ti". Novamente forte, mais forte do que nunca, curado de suas feridas com o bálsamo dos amores puros, o Guerreiro precisava descobrir a resposta por si mesmo, e assim subiu as cordilheiras do Tempo, e das fronteiras de seu universo avistou finalmente as terras onde mora o Infinito. Sorrindo, com o



vento da Eternidade nos cabelos, os músculos firmes, as pernas fortes como pilares, os olhos brilhando de emoção e mais uma vez maravilhado com a beleza que se abria a seus pés, ele que era Deus, guerreiro indestrutível, aventureiro apaixonado pela existência, protegido da Eternidade e do Infinito, ali se lançou nas asas dos ventos eternos para conquistar os horizontes virgens.

## XVIII

Quanto tempo durou essa aventura? Será a eternidade uma medida matemática que cabe nos nossos manuais de física? Ousaremos desenhar a mais humilde das aventuras que esse guerreiro indestrutível viveu na tela das nossas visões mais futuristas?

Passada uma eternidade, Deus descobriu que o mundo do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, se resolvia numa linha em forma de uma grande montanha, de cujo cume podia contemplar com os seus olhos onnipotentes a verdade que procurava: Ele era o Deus Único que a Eternidade e o Infinito conheciam e tinham como Senhor desde o Princípio sem princípio da Incriação.

Mas nesta verdade, que vos pode soar como uma coisa conhecida, nesta declaração formal bateu um arrependimento.

Porque, à medida que mais e mais a Imensidão do Seu Mundo era descoberta por Deus, à medida que a definição do Seu Ser e as do Infinito e da Eternidade se fundiam numa só, tornando-se uma realidade indivisível, inseparável e indestrutível, à medida que a Sua Natureza Lhe era descoberta em toda a sua imensidão sobrenatural, incriada e eterna, na mesma medida em que o desejo do infinito, do incriado, do eterno, do eterno, do incriado, do incriado, do incriado, do incriado, do incriado, do incriado, do incriado, do incriado, na mesma medida em que crescia no Sábio aquele desejo de saber se do outro lado do horizonte desconhecido existia o Seu Igual, o Seu Irmão, o Seu Amigo, na mesma medida em que crescia no Sábio o conhecimento da Sua própria supernatureza incriada e eterna, na mesma medida crescia no Seu peito aquela pequena luz oculta que a princípio batia com o pulsar de uma pequeníssima ideia.

E assim, quando o Deus Vivo Único se encontrou no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, aquele desejo de conhecimento tinha-se transformado num desejo crescente de O encontrar e de O abraçar, de O olhar no rosto e de Lhe dizer: "Finalmente, há quanto tempo Te procuro, meu Igual, meu Irmão, meu Amigo.

## XIX

Aquele que se encontrava no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, onde encontrava a Sabedoria esperando para saudá-lo com as mesmas palavras com que ele se despedira dela, Aquele Guerreiro, Sábio, Deus Único membro de sua Casa e de sua Família, descobriu que aquela pequena luz batia agora em seu peito com a força de um sol que ainda crescia. O que não teria dado, naquele momento, para encontrar a sua Igual, aquela pessoa com quem poderia rir de Ti

para Ti e juntos partirem para a aventura da Vida através das planícies que se desenrolavam ao pé do Monte em que se encontrava!

Mas não, Deus estava só, era o único membro da Sua Família. Nunca teria aquele a quem pudesse dizer: "Guerreiro, eu corro contigo". Nunca teria o prazer de ser tratado como Tu para Ti por essa outra pessoa divina que precisava dele tanto quanto ele. Mas isso bastava... Não era Deus? Porque é que Lhe apertava então o coração? Daria a vida a esse Irmão, a esse Amigo nascido para O olhar de frente, para rir com Ele como riem os irmãos e falar como falam os amigos, livremente, amorosamente, sem julgamento. Não era Ele o Senhor? Não se tinha esquecido de como criar um universo, de como cultivar a Árvore da Vida? Não estava a Sabedoria ao Seu lado a sussurrar-Lhe ao ouvido?

"Tu-Deus está em ti. Meu amado, Aquele que procuras está em ti".

XX

O Divino Guerreiro sorriu de novo; vestiu o Manto da Sabedoria e, julgando saber o que significavam as palavras da Filha do Infinito e da Eternidade, disse para si mesmo: "Então vamos ao trabalho". De imediato, Deus transformou a Montanha do Infinito e da Eternidade num Monte de terra mágica que cresce à velocidade do olhar do seu Criador até às fronteiras nunca alcançadas. Como se fosse um continente que crescesse a partir do seu centro, e esse centro fosse um Monte que crescesse em altura à velocidade da sua superfície na planície, maravilhando quem o vê porque, independentemente do sítio onde se esteja, se pode ver o seu cume de todos os lados, Deus chamou "Sião" a esse Monte nascido para ser o centro da Sua Criação Universal. E a esse continente dotado da Sua supernatureza, como se o Infinito e a Eternidade tivessem renascido do Monte de Deus, e tivessem disparado para atingir os limites naturais dos seus corpos, chamou "Céu" a esse Continente no coração do Cosmos. Deu à Sabedoria a sua terra por reino, para que no Céu ela se enraizasse e Lhe desse dos seus lombos o Irmão, o Amigo por quem o seu Coração ansiava.

## CAPÍTULO TRÊS

### A ORIGEM DOS DEUSES

#### XXI

Esta é a origem dos deuses do Céu. Eles nasceram ao pé do Monte de Deus.

Ele deu-lhes os seus nomes e deu-lhes a conhecer os Seus. O seu nome era Javé, Ele era Deus e eles eram seus irmãos. Eram os irmãos de Javé, o primogénito dos deuses. Nascido imortal e indestrutível, Javé Deus viveu com os seus irmãos um tempo maravilhoso. O seu coração estava saciado com a companhia dos seus iguais. A sua alma gozava a sua vitória com a intensidade do guerreiro que dança a dança dos heróis após a derrota do inimigo. O seu inimigo era a solidão deles; eles eram a sua vitória viva sobre o inferno que um dia veria avançar a partir dessa solidão incrustada no seu coração. Deus dançou com os seus irmãos no fogo da alegria, como David pelas ruas de Jerusalém no dia seguinte à derrota de Golias. Para os seus irmãos, o Senhor Deus construiu uma cidade no cimo do seu monte. Cercou-a de muralhas, cada uma de um bloco inteiro, cada bloco de uma cor, cada cor da cor de uma pedra preciosa. Como se tivessem vida própria, ou uma estrela dentro delas que pulsasse as suas luzes para as fronteiras que nunca acabam, dessas muralhas irromperam sóis, colorindo o Céu e transformando-o no Paraíso das Maravilhas. Dentro dessas muralhas divinas, construiu para si e para os seus irmãos uma cidade, a que chamou Jerusalém. Eles, os Irmãos de Javé Deus, eram os deuses de Sião, aqueles que habitam a Cidade de Javé, a Jerusalém Eterna, dentro de cujas muralhas indestrutíveis Javé Deus, o Primogénito dos deuses, tem a Sua residência.

#### XXII

A partir das suas muralhas, os Irmãos de Deus viram crescer a explosão da vida, que nunca pára nem se detém e reveste o Paraíso de Deus com florestas encantadas, com cadeias de montanhas tão altas como os Himalaias, cheias de águias gigantes com ossos de gelo metálico, leves como penas, sólidas como aço.

A transbordante fantasia divina, que por tanto tempo dormiu no coração do Guerreiro, despertou sublime, e chamando a Sabedoria foi com Ela pintar na tela celeste paisagens além da imaginação dos nossos mais ilustres gênios. A inspiração do Criador, nascendo da pressão da felicidade que experimentava, Deus concebeu em Sua mente uma Nova Criação. Tomou os deuses e conduziu-os para o outro lado do orto do Céu, para além das fronteiras sempre em expansão do Paraíso. Como quem convida a tomar assento e a sentar-se para contemplar um espetáculo maravilhoso, Deus inaugurou a Criação do Novo Cosmos.

XXIII

Eis o Princípio da Criação do Campo de galáxias que envolve o Universo dos Céus, a Região Local, cujo Coração é o Céu, um Mundo nascido para abrigar na sua terra a Árvore da Vida, e em torno de cujo Mundo os Céus da Região Local estendem o oceano dos seus continentes de estrelas.

Querendo proceder à Criação do Novo Cosmos, do Divino Braço Criador nasceram rios de energia que, espalhando-se pelas regiões exteriores do Universo dos Céus dos céus, transformaram o Espaço num espetáculo de fogo de artifício onde cada explosão marcava o fim de uma galáxia.

À noite seguiu-se o dia; a aurora foi uma nova explosão de fogo de artifício à plena luz da aurora da Nova Era que se abriu; e cada explosão marcou o início de uma nova galáxia.

Assim é a Origem do Novo Cosmos. Deus transformou em energia toda a matéria incriada que rodeava o Seu Mundo; depois transformou toda essa energia em Nova Matéria. Tal é a origem das Galáxias que agora existem e rodeiam a Região Local.

Deus criou o Cosmos para que ele continuasse a crescer eternamente. Este crescimento é comparável a uma onda que, expandindo-se através da Eternidade, sem perder a sua energia original, duplica o seu raio pelo quadrado da velocidade da luz irradiando para o Infinito.

Este rio de energia cósmica desemboca no campo do espaço-tempo que envolve toda a Criação; um campo criativo no qual a energia produzida pelo campo das galáxias entra e inicia a sua viagem em direção às estrelas. Esta é a origem das estrelas.

Quando as estrelas nascem, sendo invisíveis o feixe e o oceano através dos quais a energia navega do microcosmo para o macrocosmo, as estrelas anunciam o seu nascimento com uma explosão de luz.

Como o nascimento das estrelas ocorre em enxames, fala-se de um Big Bang; mas seria mais correto falar do acender e apagar de uma lâmpada, não de destruição mas de criação. E em vez de uma explosão, uma implosão.

Um erro ainda maior é concentrar a criação da Matéria num único momento do Tempo e do Espaço. Não houve um Big Bang; houve muitos; e nunca haverá, pois o processo de transformação da energia cósmica em matéria astrofísica é constante, autónomo, e estende-se de Infinito em Infinito, tendo sempre em Deus a Fonte de que se alimenta o Oceano do espaço-tempo na origem da Criação do Novo Cosmos.

XXIV

Mas, no final deste Princípio da Criação de todas as coisas, este movimento estava a ponto de perecer e de ser destruído para sempre.

Quando Deus, o Criador, o Senhor da Matéria, do Espaço e do Tempo, terminou de pôr em movimento esse processo de criação das galáxias, feliz com a alegria do artista, do génio consciente de ter espantado o seu público, e louco de alegria por dizer aos seus Irmãos:

"Vinde, sigamos um raio de luz até às fronteiras do nosso universo; acompanhai-me, sigamos a águia de Andrómeda através das cadeias montanhosas de Orion", quando já o Seu coração batia com uma felicidade perfeita, o dia da origem de todas as coisas deu uma volta e tornou-se o dia mais difícil da Sua existência.

O que é que se encontrou nos lábios dos deuses, Seus Irmãos, em resposta ao Seu convite?

Nos lábios dos deuses, pesava como uma laje a verdade que acabavam de descobrir:

"Javé Deus era o único Deus vivo e verdadeiro".

Eram Seus Irmãos porque, ao necessitar desse Igual, Javé Deus tinha-se entregado de tal forma a vencer a Solidão que um dia O rodeou com o seu Inferno, que ao ultrapassar a última fronteira, a criação da vida à Sua imagem e semelhança, acreditou ter encontrado a Vitória Final que Lhe tinha sido negada.

## XXV

Tratava-os como verdadeiros irmãos e verdadeiros deuses; adoptava-os como irmãos com a sinceridade e a devoção de quem dá tudo e esquece todos os maus momentos e mergulha nos bons momentos vindouros, sem qualquer receio de voltar a ser ultrapassado pelas tempestades que descarregavam sobre a sua solidão os seus trovões e relâmpagos. Mas agora que tinham descoberto em Javé Deus o Único Deus Vivo e Verdadeiro: como podiam enganar-se a si próprios para acreditarem no que nunca tinham sido?

Eram criaturas. Apenas isso, criaturas.

Eram criaturas como as galáxias que Ele estava a criar, como o próprio Céu que as gerou, como o Universo que acabava de nascer.

Como poderiam voltar a olhá-Lo com os olhos de quem se crê Igual, um outro membro da sua Família? Como poderiam impedir que os seus joelhos se dobrassem e adorassem o seu Senhor e Criador? Não sabiam que, assim que Javé Deus os visse, as suas almas se quebrariam ao verem nos seus olhos o fracasso do Guerreiro que procurava neles o Irmão que nunca teve nem teria? Como poderiam seguir o Único Deus Vivo e Verdadeiro através de espaços cósmicos cuja vastidão não compreendiam e cujas forças só poderiam ser desfrutadas por Aquele que nasceu entre eles?

A origem dos deuses, a sua origem, a origem dos irmãos de Javé, era esta, e agora eles sabiam-no. A sua origem era a necessidade que Ele, o Deus Incriado, tinha de vencer a Solidão que se apoderara do Todo-Poderoso Sábio que acabavam de ver em ação. Como podiam levantar a cabeça e ousar abrir a boca? O que é que Lhe iam dizer: "Desculpa, Senhor e Criador, mas nós compreendemos-te"?

XXVI

E assim foi. Quando Javé Deus, o Primogénito dos deuses, abriu a Criação das galáxias e virou o rosto para os Seus Irmãos, quando foi abrir a boca para os convidar a navegar no Cosmos, encontrou os Seus Irmãos de joelhos, sem se atreverem a olhá-lo nos olhos e sofrendo já o que sabiam que ia acontecer. E eles sabiam-no porque o conheciam tão bem, amavam-no tanto que sabiam que Ele reagiria como ia reagir, como reagiu, como estava a reagir. "Javé Deus, Senhor e Único Deus Verdadeiro!", foi a declaração que brotou dos Seus lábios. Nestas quatro palavras estava contido todo o mistério do seu passado, da sua vida, do seu presente, do seu futuro: Senhor Único Deus Vivo e Verdadeiro.

XXVII

Javé Deus olhou para o coração dos seus Irmãos e viu-lhes a mente como tu e eu vemos através de um vidro. Deus não disse nada. Não deixou transparecer qualquer emoção. A ilusão quebrada do génio que termina a sua obra e espera a aclamação alegre do seu público incondicional e devotado, transformou-se na tristeza de quem descobre o silêncio absoluto na sala. Sem saber como reagir, mas apenas para dar meia volta e desaparecer do palco sem deixar rasto da sua existência, Javé Deus perdeu-se nas distâncias do outro lado do Cosmos recém-criado. E à medida que se retirava do palco da Sua criação, essa Sua solidão eterna e infinita, contra a qual tinha erguido todo este maravilhoso espetáculo, começou a crescer no Seu Ser como uma estrela semeada na Sua alma pelo próprio Inferno. Quanto mais o fogo da Sua Eterna Solidão ardia Nele, mais depressa Javé Deus se afastava de tudo o que amava. Quanto mais depressa fugia do Seu destino, mais essa estrela dos abismos ardia no Seu Ser. Quanto mais o seu fracasso ardia nele, mais a raiva, a ira, a impotência e a frustração tomavam conta do seu ser. Quanto mais essas emoções incontrolláveis cresciam nele, mais seu Grande Espírito acelerava sua corrida para além dos espaços infinitos.

XXVIII

E enquanto Ele navegava sem controlo, fugindo do Seu próprio destino, a tempestade assolava o Seu coração. Eternidade, Infinito, Sabedoria, porque é que o tinham deixado chegar a esta situação? Porque é que o dia em que teve o seu primeiro sonho não tinha sido apagado da sua mente? Que pecado tinha cometido para ter sido expulso do seu paraíso incriado para o inferno de uma criação que era uma prisão para ele? Quem ou o quê o tinha condenado a esta sentença de vida? No dia em que sonhou com a imortalidade para todas as criaturas, porque é que esse pensamento não lhe foi arrancado do espírito? Terá sido tão grave o seu crime para ter sido expulso do seu paraíso e assim condenado? De que lhe serviu ter descoberto o Criador no seu Ser, se com a descoberta lhe foi dada esta sentença? Teria toda a sua vitória sido reduzida a uma ilusão? De que lhe serviu ser o que era, se não tinha ninguém com quem gozar o seu Ser, e nunca o teria? Com quem riria quando o seu coração explodisse de alegria? Com quem navegaria pelas galáxias na aventura da descoberta de novas fronteiras? A quem falaria como Tu a Ti, se

até os deuses se ajoelhavam mudos, incapazes de lhe falar como Iguar a Iguar? Uma angústia tão devastadora e mortal apoderou-se do Seu Ser que Javé Deus pensou que tinha enlouquecido de dor.

XXIX

Desesperado, enlouquecido pela dor, deu rédea solta à sua tragédia, e do seu braço onipotente e onipotente saíram projecteis de energia destrutiva que varreram o espaço, reduzindo a escombros toda a matéria no seu caminho.

"Prisão? Não, cemitério", gritou Yahweh Deus para a Eternidade e o Infinito, enquanto a explosão da sua dor se tornava incontida.

"Não queres a minha morte? Vou cavar-vos a minha sepultura.

Louco de dor, sentindo-se derrotado e afundado, incapaz de triunfar sobre a Sua Solidão, desse mesmo Braço que ainda há pouco tempo tinha saído campos de energia transformando o antigo universo num Novo Céu cheio de cores e sons, como quem transforma, por sua magia, o deserto num pomar paradisíaco, repleto de pássaros exóticos e de toda sorte de criaturas fantásticas, daquele mesmo Braço mágico saíram, naquela Hora terrível, raios de energia destruidora que se apoderaram da própria luz e a torceram até estilhaçar-se sob o peso de sua velocidade infinita.

O Guerreiro e o Sábio, como que possuídos pela dor insuportável da derrota, estavam empenhados em destruir o indestrutível, em destruir-se a si mesmos, e na sua destruição enterrar consigo o Infinito e a Eternidade, um cemitério digno de um Deus, um túmulo à sua medida.

XXX

Como compreender essa Hora de catarse libertadora que Deus viveu no Seu grito? Como ousar imaginar a natureza dos campos de energia antimatéria que, na Sua dor, Deus espalhou pelos espaços ultra-cósmicos? Como descrever que, na Sua dor inimaginável, a memória do amor tão grande que os Seus Irmãos Lhe tinham inspirado triunfou sobre a Sua tortura e os raios do Seu desespero não atingiram o Mundo que Ele tinha construído apenas por eles e para eles? Com que números e com que medidas calcularemos o tempo e a intensidade dessa Hora de catarse libertadora? Quantos quilos de energia destruidora pôde Deus gerar antes de cair morto aos pés da filha do Infinito e da Eternidade?

Como se estivesse morto, sem vontade de respirar, sem força para abrir os olhos, sem vontade de acordar de novo.

Quanta matéria teria de ser queimada e reduzida à escuridão para que a exaustão chegasse ao Seu Braço e o Seu Ser caísse rendido no cemitério que Ele erguera à Sua volta? A que altura chegaria a cova, dentro de cujas paredes escuras estaria sepultado um Deus? Que peso daremos à laje para a sepultura de um Deus? Quanto tempo esteve Javé Deus a cavar para



Si a Sua sepultura? Quando, em que momento, toda a Sua dor se transformou em trevas flutuando nos espaços ultra-cósmicos, e Deus caiu como que morto, sem forças, rendido pela catarse libertada?

XXXI

De facto, Deus, esse maravilhoso Primogénito dos deuses, esse guerreiro e rei de um império que outrora integrou mundos sem conta, esse sábio que se divertia a descobrir todos os segredos da Ciência da Criação, esse aventureiro que navegava pela terra do outro lado do Orto do Infinito, esse Deus da Eternidade que corria com as criaturas do paraíso da Criação, esse Ser jazia como morto aos pés da Sua Amada, a Sabedoria, a Sua Esposa.

Ela seria a primeira coisa que Ele veria quando abrisse os olhos.

XXXII

Quanto tempo permaneceu morto Aquele que, em Sua Inocência, era mais amado do que cem mil universos? Como dizer: Ele permaneceu morto por tanto tempo?

Deus não tinha forças para continuar a viver, nem queria levantar-se! O que o esperava, a solidão eterna? Mas, finalmente, abriu os olhos. O seu olhar pairava sobre o horizonte, os seus pensamentos vagueavam sem rumo. Depois encontrou-a ali.

Deus abriu os olhos e encontrou-a ali, a filha do Infinito e da Eternidade, ao seu lado, sussurrando-lhe ao ouvido as suas palavras de amor: "Tu és, meu amado, Deus verdadeiro. Tu, Deus, nosso Filho, está em Ti".

Então, dos lábios divinos saíram estas palavras de vida: "Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, Gerado da mesma natureza que o Pai...."

## CAPÍTULO QUATRO

### HISTÓRIA DO REINO DE DEUS

#### XXXIII

Nunca viste a borboleta branca saltitando alegremente de flor em flor, cantando jocosamente cada segundo das suas vinte e quatro horas de existência? Nunca amaste o canto do pássaro que canta entre as grades da sua gaiola, perguntando-te o que farias no seu lugar? Já paraste para contar as estrelas que cabem num canto do porto, quando o sol esparge setas douradas sobre as águas do meio-dia, capazes de fazer apaixonar a pedra dura que alguns de nós têm por coração?

Como é belo voltar a ver feliz aquele que se encontrava perdido nos desertos da sua insuportável solidão! Porque é que um homem tem de medir a imensidão dos céus com o metro da altura do seu corpo? Quantos anos-luz à volta cobre a alma que sorri feliz entre pássaros canoros e borboletas que voam de galáxia em galáxia sem medo da eternidade e do infinito?

É Ele, Ele regressa, as estrelas erguem-se nas suas colunas, as galáxias batem palmas, os deuses cantam a dança da vitória no fogo da fogueira onde a ave Fénix renasceu das suas cinzas para nunca mais voltar às chamas.

Deus disse aos seus Irmãos apenas estas palavras:

"Este é Jesus, meu filho amado".

E nestas cinco palavras estava contido todo o mistério do futuro de toda a Criação. Os deuses ajoelharam-se e viveram a felicidade de Deus Pai com a mesma intensidade com que viveram a tragédia do Irmão que partiu. Bastava-lhes ver a Sua Felicidade para saberem que Ele era o seu Igual, o SEU Deus, o Companheiro que Ele Deus procurava neles e não encontrava.

#### XXXIV

Então, depois de passado este tempo de felicidade, do coração da Vitória de Deus Pai, o Espírito do Criador despertou n'Ele Deus. Deus Pai tomou o Seu Filho Unigénito, Jesus, deixou o Seu Mundo nas mãos dos Seus Irmãos, os deuses, e transformando o Cosmos num campo de matéria-prima criou o Oceano dos Céus. Nesse Oceano de estrelas, o Espírito Criador lançou a

semente da Árvore da Vida. E algures nesse Universo nasceu um mundo, com o seu Reino, o primeiro dos Povos que iriam habitar para sempre no Paraíso que Deus criou para o Seu Filho.

Deus cultivou a civilização do mundo daquele Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação, deu-lhe como sistema social uma constituição monárquica e gerou no seu rei um irmão para o seu Filho. Em seguida, tomou o Reino do Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação e conduziu-o à sua Morada no Paraíso de Deus.

Quando este Primeiro Reino chegou ao Paraíso, o seu Povo descobriu que o Céu é um espelho que reflecte todas as etapas da evolução da vida, desde os primórdios da Pré-História até à aurora da História.

A Terra das Maravilhas foi então chamada pelos deuses.

E assim foi, até cinco vezes este acontecimento teve lugar. Cinco vezes o Criador lançou a semente da Vida no Universo dos Céus. Cinco mundos nasceram entre as estrelas do Universo, cada mundo com a sua civilização, cada povo com as suas características ontológicas pessoais, cada reino com a sua própria constituição social, com o seu rei à cabeça. No final do quinto dia da primeira semana da Criação, o Paraíso de Deus tinha-se transformado num Império. Deus estava sentado na Cúpula do Poder, como Supremo Juiz Universal, e à Sua direita o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Seu Império, o Seu Filho Primogénito, Jesus, Deus Unigénito.

Durante esses Cinco Dias da Primeira Semana da Criação, o governo do Seu Império foi deixado por Javé Deus nas mãos dos Seus Irmãos e Filhos. A História deste Império está escrita no Livro que trata das Origens e da História do Céu. No dia em que for a nossa vez de ascender ao Mundo de onde Jesus Cristo desceu, teremos a oportunidade de aprender tudo sobre a criação dos Cinco Mundos que formaram o Império do Paraíso antes da Criação do nosso Mundo, o Sexto no Tempo. Nomes, linhas evolutivas, constituição astronómica, constituição social e assim por diante. Todas estas coisas estão escritas nos livros que tratam das Crónicas do Império de Deus.

### XXXV

E assim aconteceu que, no quarto dia da primeira semana da Criação, um dos príncipes do Império de Deus descobriu uma semente.

Era a semente da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

A sua primeira manifestação foi a Dúvida. A sua consequência final, o seu fruto, foi a Guerra, um fruto que muito em breve todos os reinos do Império teriam tempo de provar.

Que Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, era Deus, o Filho Unigénito, isso todos os cidadãos do Império de Deus sabiam.

Acreditar ou não acreditar era outra questão. Mas se a Dúvida era ou não era uma questão que nenhum filho de Deus alguma vez pensou sequer em considerar.

O facto era que Deus e o Seu Filho iam e vinham do Império para o Universo e do Universo para o Império, e milhões de anos se passaram entre a ida e o regresso. Naquele quarto dia da primeira semana da Criação, um dos príncipes viu na dúvida sobre a veracidade da unigênese de

Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, a porta para reconfigurar a estrutura do Império do Céu, segundo seu pensamento. Por que ele, Satanás, o filho de Deus, não deveria receber a regência do Império durante os períodos da Criação?

Este era um pensamento que nunca tinha ocorrido a ninguém sequer considerar. E que, curiosamente, encontrou ouvidos para crescer. E cresceu mesmo. De tão surpreendido pela Rebelião daquele filho de Deus e seus aliados, o Paraíso tornou-se um inferno.

Conjurados pelos Rebeldes no chamado Eixo do Dragão, os exércitos do Dragão partiram para a conquista do Trono do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Foi a primeira Guerra Mundial dos Céus.

Satanás à frente do Eixo do Dragão, os seus exércitos atravessaram as fronteiras dos reinos vizinhos e avançaram em direção a Sião para conquistar o Trono do Rei dos reis.

Estupefactos, espantados com o que viam, incapazes de reagir à surpresa, as Irmandades e os filhos de Deus, que se recusavam a aceitar até a possibilidade de uma tal reconfiguração, observavam, das muralhas da Cidade de Deus, os Príncipes da Casa de Javé e de Sião, o avanço das forças do Dragão e a debandada dos Povos do Império para a Jerusalém dos deuses.

De facto, nada do que os Irmãos e os filhos de Deus lhes diziam para deporem as armas entrava na mente de Satanás e do seu povo. Assim, superando a primeira surpresa, o contra-ataque prevaleceu.

Os deuses abriram o Selo das suas origens e os Príncipes alimentaram-se da sua força. Os Príncipes Gabriel, Miguel e Rafael revestiram-se da invencibilidade dos deuses, assolaram o inimigo, fizeram-no regressar aos seus reinos, sitiaram-no nas suas fortalezas, capturaram-no e trancaram-no nos seus palácios até que o Juiz da Criação regressasse e proferisse a sentença.

Aconteceu então que, quando o Pai e o Filho regressaram dos Céus da Criação, trazendo pela mão um novo Reino ao Paraíso, os filhos de Deus encontraram-se com eles, mas Satanás não estava entre eles.

Bastou a Deus um olhar para saber porquê. Mas, querendo deixar tudo na lição aprendida e não querendo em caso algum que o Seu Filho descobrisse a existência da Ciência do bem e do mal, ordenou a todos os Seus filhos que comparecessem perante Ele para a celebração da Festa de Acolhimento do Reino, no Quarto Dia da Primeira Semana da Criação.

E assim foi feito.

Como era natural, o Império vestiu-se a rigor para a Festa de Acolhimento. O Reino do Quarto Dia da Primeira Semana da Criação instalou-se no Império do Filho de Deus; o seu Rei foi apresentado à Família dos Deuses.

Então, a alegria.

A lembrança do sopro do Dragão acendendo a Guerra tornou-se a lembrança de um pesadelo que se foi e nunca mais voltará.

Alegria no perdão.

Assim amanheceu o Quinto Dia da Primeira Semana da Criação. De novo Deus e o Seu Filho deixaram a regência do Seu Império nas mãos dos membros da Casa "de Javé e Sião".

E, ao longo de milhares de anos, o inacreditável voltou a acontecer.

Como uma mula que nunca aprende a lição, Satanás voltou a mover-se nas sombras. Encontrou aliados e eles conspiraram para despertar o Dragão.

A decisão tomada, o plano para conquistar o Império em cima da mesa, a nova guerra, a Segunda Guerra Mundial dos Céus, foi feita.

Mais uma vez os deuses e príncipes do Céu foram apanhados de surpresa.

Santo Deus, como explicar que esta nova rebelião tinha rebentado na cara deles! Mesmo que ganhassem, e sobre a vitória não tinham dúvidas, a incapacidade da Casa de Deus para manter a paz ficaria demonstrada para sempre.

A reflexão instala-se.

O que é que se passa?

Como é que simples criaturas de barro se atreviam a pôr em causa a Verdade do Filho Unigénito de Deus?

Ou será que se atreviam simplesmente a sonhar em obrigar Deus a fazer a sua vontade e a dar luz verde à transformação do Império num Olimpo de deuses sujeitos a uma lei de imunidade às leis do Céu?

#### XXXVI

E assim foi, a Segunda Guerra Mundial do Céu terminou da mesma maneira. O Dragão foi neutralizado, acorrentado e guardado até ao regresso do Juiz do Império.

Mas foi uma vitória amarga. Uma vitória que não teve sabor de triunfo para os vencedores. Tinham falhado pela segunda vez com Aquele que, na Sua ausência, lhes tinha dado a regência universal. O que aconteceria no Seu regresso? Como poderiam explicar o que eles próprios não conseguiam compreender?

Finalmente, Deus e o seu Filho regressaram do Oceano das Estrelas. De mãos dadas, trouxeram um novo Reino, como sempre, com o seu Príncipe à cabeça.

Com a alegria do Pai que acaba de dar à luz um novo filho, do Filho que saúda o nascimento de um irmão mais novo, o Pai e o Filho regressam a casa.

Aqui, a mesma coisa aconteceu de novo. Por um instante, o Filho descobre no tom do Pai que dá a ordem de apresentar todos os seus filhos diante dele algo... algo misterioso. Mas não foi mais longe.

E de novo Deus perdoa os rebeldes.

No entanto, Ele sabia que era urgente uma ação revolucionária. Não podia permitir que uma Terceira Guerra Mundial rebentasse durante a Sua ausência do Céu.

Ou reconfigurava a estrutura do seu Império ou, mais cedo ou mais tarde, a sua Criação tornar-se-ia um Olimpo de deuses a fazer guerra com a responsabilidade de quem tem imunidade total e absoluta às leis.

Ele não podia permitir que isso acontecesse. Por isso, levantou-se para procurar a resposta que os factos exigiam.

E assim foi feito.

Deus encontrou a resposta.

Os factos exigiam que ele abrisse a sua Criação a todos os seus filhos. Assim, da próxima vez que o Espírito do Criador abrisse as suas asas sobre o Universo, todos os seus filhos o acompanhariam.

A partir do sexto dia, a Criação transformar-se-ia num espetáculo aberto a todos os mundos. E mais, todos os Seus filhos participariam do processo de formação dos Novos Mundos.

Este foi o primeiro passo para fechar o caminho em que o Paraíso de Deus se estava a transformar numa prisão para as Suas criaturas. Maravilhoso e o que quiserdes, mas uma prisão.

Para que os Povos da Sua Criação não concebessem a sua existência como uma Árvore de que eles eram os Ramos, Deus concebeu a Criação de um Novo Povo, constituído por todos os Seus filhos, e em que a fusão de todas as suas Civilizações numa Nova Civilização, uma vez efectuada a sua entrada no Paraíso, esse Novo Povo serviria de argamassa necessária para que os tijolos se unissem e formassem um edifício compacto, sólido e indestrutível.

A projecção das Cinco Civilizações dos Reinos existentes sobre a Vida Humana operaria, na sua fusão, o Nascimento desta Nova Civilização que, espalhando-se pelo Paraíso, as uniria a todas na alma desta Nova Civilização, na qual todas e cada uma das existentes se reflectiam e viviam. Criado não para o Poder, mas para ser o corpo do espírito de Sabedoria na sua Criação, o Povo Humano realizaria a Fusão sem a qual a Dúvida, mãe da Guerra, tinha sido possível.

Quanto à Dúvida sobre se o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império do Céu era Deus, o Filho Unigénito, com os seus olhos iriam vê-la.

Assim, no nascimento do Sexto Dia da primeira Semana da Criação, Deus pegou em todos os Seus filhos e conduziu-os ao lugar de Origem, o Universo.

Deus criou os Céus e criou a Terra.

Criou a Terra para além das fronteiras das galáxias.

E criou-a ali para que os Seus filhos pudessem ver o que estava para além do Cosmos, o Abismo coberto pelas Trevas a que o Deus Único e Verdadeiro reduziu o Cosmos Incriado naquela Hora que precedeu o Nascimento do Pai e do Filho.

Ao mesmo tempo, esclareceu o mistério do que está para além dos limites do campo das galáxias. Com este gesto, Deus dizia aos seus filhos o que aconteceria a quem se atrevesse a desenterrar o machado de guerra. A pena contra o Rebelde seria a pena de desterro para as Trevas, de onde nunca mais voltaria, e onde, por toda a eternidade, haveria ranger de ossos e ranger de dentes.

Depois de montado o palco, todos os espectadores se sentaram. Deus olhou para o seu Filho, avançou e, abrindo a boca, disse:

"Faça-se a luz".

E A LUZ FEZ-SE HOMEM...

PARA QUE TODA A GENTE QUE QUEIRA VIVER

POSSA VIVER PARA SEMPRE

